
PIADAS DE CRIANÇA: EM QUESTÃO OS RECURSOS DEFLAGRADORES DE HUMOR

02

KIDS JOKES: IN QUESTION THE RESOURCES THAT REVEAL HUMOR

Allan Costa Stein

Graduando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Ana Cristina Carmelino

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista de Araraquara – UNESP/Car. Docente do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como o humor se manifesta em piadas de crianças. Partindo da análise de cem piadas de crianças, selecionadas por meio de pesquisa em cinco *sites* brasileiros abertos, bem como dos pressupostos teóricos da Linguística Textual de base sociocognitiva e interacionista e de autores que se preocupam com questões humorísticas, buscamos observar especialmente as técnicas vinculadas à linguagem que explicam a produção do humor nessas anedotas. Os resultados mostram que mecanismos diversos são mobilizados para gerar o humor nesse tipo de narrativa curta com final inesperado. A inferência, no entanto, destaca-se como o recurso mais recorrente nas piadas em questão.

Palavras-chave: piada de criança; humor; técnica humorística.

ABSTRACT

This work aims to investigate how humor manifests in kids jokes. We analyzed a hundred kid jokes, which were selected through a survey in five Brazilian sites, from some Textual Linguistics assumptions based on socio-cognitive and interactionist perspective. Moreover, we based

on authors who study humorous, especially the techniques linked to language that explaining the humor production in these anecdotes. The results show that different mechanisms are mobilized to build humor in this small kind of narrative with unexpected ending. The inference, however, stands out as the most recurrent resources in the jokes analyzed.

Keywords: kids joke; humor; technical humorous.



INTRODUÇÃO

Este trabalho, cujo tema principal é o estudo de “piadas de criança” veiculadas em cinco *sites* brasileiros abertos, busca investigar especialmente as técnicas responsáveis pela produção do humor ali instaurada.

Como referencial teórico, são adotados os pressupostos da Linguística Textual de base sociocognitiva e interacionista, especialmente os conceitos de conhecimento prévio e inferência. Nas reflexões sobre a construção do sentido humorístico, levamos em consideração diferentes teóricos que abordaram o assunto, tendo em vista que o humor pode ser gerado por diversas técnicas humorísticas, quer de ordem linguística ou não.

As piadas são um fenômeno complexo, no entanto, como qualquer gênero discursivo, essas narrativas curtas com final inesperado cumprem uma função social, isto é, possuem uma finalidade discursiva. Sua compreensão está sujeita a processamentos cognitivos que envolvem informações que subjazem à estrutura superficial do texto, destinando-se, sobretudo, ao público popular.

Indagando como o humor se manifesta em piadas de crianças, este trabalho parte da premissa de que vários são os recursos mobilizados para gerar o humor nesse tipo de anedota. Entretanto, as análises revelam quais são as técnicas mais recorrentes, dados relevantes aos estudos que se preocupam com o tema em questão.

Ademais, convém destacar que, para se compreenderem as téc-

nicas humorísticas, é necessário que os interlocutores compartilhem de determinados conhecimentos, quais sejam: linguísticos, pragmáticos, discursivos, entre outros. Apenas as informações presentes na estrutura superficial não são suficientes para que a comunicação ocorra de maneira satisfatória: há elementos que subjazem às formas linguísticas e precisam ser recuperados pelo leitor/ouvinte mediante algumas associações cognitivas.

Em termos de estrutura, este texto se configura da seguinte forma: em princípio, discorreremos sobre o que vem a ser humor e as formas pelas quais o humor pode se manifestar, salientando as técnicas humorísticas; na sequência, procedemos à apresentação dos recursos de deflagração do humor mais recorrentes no *corpus* selecionado, ilustrando, sempre que possível, com piadas comentadas e tratando os dados estatisticamente.

A PRODUÇÃO DO HUMOR

O que vem a ser humor e como ele se manifesta? Neste item, buscamos, por meio de teorias diversas que versam sobre o humor, responder, de certa forma, a essas duas questões.

Vários pesquisadores, de diferentes áreas do conhecimento, estudaram o humor e suas várias formas de manifestação. Essas pesquisas deram-se a partir de ângulos díspares, o que implica necessariamente métodos de análise distintos. Apresentamos a seguir concepções de estudiosos acerca da multifuncionalidade do humor, de modo a demonstrar, ainda que superficialmente, a complexidade da questão.

Conforme Carmelino (2009, p. 4), o humor, apesar de bastante frequente em nossas vidas, consiste em um fenômeno complexo, pois não é tarefa simples explicá-lo. Freud (1905) ensina que o humor é considerado um dom precioso e raro e, também, teimoso e rebelde. Nos textos engraçados, ele normalmente acontece quando há uma quebra de expectativa por parte do ouvinte. A tensão diante de um fato que poderia ser trágico, apavorante, etc., é convertida em riso quando se percebe que tal fato tomou um rumo inesperado, cômico.

Travaglia (1990) define humor como sendo “uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psico-

lógico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais e culturais que nos cercam” (p. 55).

No que tange às diferentes formas de manifestação do humor, observa-se que ele está presente em diversos gêneros discursivos produzidos, sejam eles humorísticos (como piada, charge, cartum, tira cômica, paródia) ou não (como conto, crônica, jingle, fábula). Fato que evidencia seu papel necessário e importante em nossa vida. Ademais, cumpre salientar que as formas pelas quais o humor se manifesta podem ser explicadas por diversos recursos vinculados à linguagem. É sobre esses recursos que discorreremos a seguir, objeto de interesse deste trabalho.

TÉCNICAS HUMORÍSTICAS

Importa aqui tratar dos recursos que mais comumente explicam a construção do humor e, em seguida, tecer algumas considerações acerca da técnica mais recorrente nas piadas analisadas neste trabalho.

Trentin (2012, p. 66), a partir da leitura de diferentes teóricos que tratam do humor, chegou a um total de quarenta e três (43) recursos humorísticos utilizados com mais frequência em textos cômicos, quais sejam: acontecimento; comparação; condensação; contradição; conhecimento prévio; cumplicidade; dêixis; descontinuidade tópica; deslocamento; duplo sentido (ambiguidade); estereótipo; eufemização; exagero (hipérbole); especificação por repetição; emprego do mesmo material (repetição); fonologia; homonímia; implicação convencional; impropriedade; invenção verbal (neologismo); inferência; idiomatismo; inversão; ironia; imaginário sobre línguas; jogo de palavras (trocadilho); mistura de lugares sociais; morfologia; memória discursiva; onomatopéia; observação metalinguística; paródia; paradoxo; pressuposição; quebra-línguas; recategorização metafórica (metáfora); rima; sintaxe; subentendido; sugestão; tirada; unificação e variação linguística.

Desses recursos, os que mais explicam a construção do humor em piadas de crianças, nosso *corpus* de análise, são: inferência, trocadilho, fonologia, morfologia e/ou léxico, polissemia e/ou homonímia, ambiguidade, hipóbole e/ou mentira, pressuposição, metáfora, eufemismo e/ou disfemismo.

Ainda com relação às técnicas, convém ressaltar que, às vezes, alguns artifícios linguísticos só podem ser percebidos pelo leitor caso este considere fatores extralinguísticos, de ordem discursiva ou pragmática. Quaisquer técnicas, linguísticas ou não, são percebidas pelo receptor graças ao seu conhecimento de mundo, o que permite inferir e fazer deduções lógicas com base na estrutura superficial do texto e nos elementos que a ela subjazem.

Das 100 (cem) piadas que foram analisadas para a realização desta pesquisa, verificamos que em 52% dos casos a inferência predomina como principal técnica. Em razão, disso, achamos relevante tecer alguns comentários acerca desse mecanismo, pautando-nos, para isso, nos pressupostos de alguns estudiosos da Linguística Textual de base sociocognitivista e interacionista.

Conforme a perspectiva sociocognitivista e interacionista, todos os homens possuem uma estrutura mental adaptada a processar boa parte das informações a que têm acesso, de modo que consigam compreendê-las e ativá-las mediante determinados estímulos, acionados em certos contextos (leitura de um texto, conversas informais, bate-papo *online*, etc.). Assim, para que uma piada faça sentido, por exemplo, é necessário que os interlocutores recuperem informações guardadas em sua memória e estabeleçam as pontes necessárias entre essas informações e as informações novas. As inferências são um exemplo interessante que demonstra como estabelecemos as relações entre o texto e os elementos que a ele subjazem. Portanto, importa explicá-las convenientemente.

De acordo com Koch (2005), “entende-se por inferência aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto” (p. 70). Serviram-lhe de fonte Beaugrand e Dressler (1981), para quem essa técnica busca resolver um problema de continuidade de sentido, preenchendo lacunas que são deixadas no texto pelo locutor/escritor e interpretadas pelo interlocutor/leitor.

Segundo Marcuschi (2008), que parte dos estudos de Rickheit, Schnotz e Strohner (1985), uma “inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica velha num dado contexto” (p. 249).

Para clarear ainda mais esse conceito, vejamos a metáfora criada por Koch e Travaglia (2011) para explicar o fenômeno de inferenciamento:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-los integralmente. Se não fosse assim, nossos textos teriam que ser essencialmente longos para podermos explicar tudo o que queremos comunicar. Na verdade, é assim: todo o texto assemelha-se a um iceberg – o que fica à tona, isto é, o que é explicado no texto é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 65).

Marcuschi (2008) afirma ainda que “a contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionar como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência” (p. 249).

Considerando-se que o processo de inferenciamento consiste na possibilidade de se recuperar, dentro de um contexto específico, durante o ato comunicativo, informações subjacentes à estrutura superficial do texto, pode-se afirmar que se trata de uma noção semântico-pragmática, já que algumas inferências só podem ser feitas considerando-se a língua em seu uso efetivo e as condições em que o enunciado foi produzido: para que alguém perceba os conteúdos implícitos, é necessário que eles estejam marcados de alguma maneira, seja no texto, seja na situação sociocomunicativa.

Com base nessas considerações, passamos à análise das principais técnicas humorísticas observadas em piadas de crianças.

A PRODUÇÃO DO HUMOR EM PIADAS DE CRIANÇA

Definida como uma “história curta com final surpreendente, às vezes picante ou obscena, contada para provocar risos” (COSTA, 2008, p. 149), a piada consiste em um gênero popular que geralmente agrada, mas nem sempre é fácil de ser compreendida. Além de apresentar questões históricas ofuscadas, revelando práticas socialmente arraigadas

em nossa cultura, é capaz de evidenciar, de forma descontraída, fatos importantes do funcionamento discursivo e dos recursos da língua.

Neste item, buscamos comentar as técnicas vinculadas à linguagem mais recorrentes utilizadas na construção do humor das piadas de crianças investigadas. É importante registrar que as técnicas observadas não se vinculam sempre à língua, muitas são de ordem pragmática e discursiva; isto é, sua compreensão depende também de fatores que envolvem o uso efetivo da língua em momentos de interação comunicativa.

Destacamos ainda o fato de que a compreensão dos textos, independentemente de as técnicas utilizadas serem linguísticas ou não, depende dos conhecimentos de mundo do leitor, bem como do conhecimento partilhado entre produtor e receptor. Ademais, as inferências também são necessárias à compreensão de qualquer texto, sobretudo se considerarmos, conforme Beaugrande (1997), que o texto não é um produto terminado, mas um processo, um evento sociocomunicativo que se constrói a partir da relação entre interlocutores.

As técnicas mais comuns identificadas nas piadas de crianças analisadas foram: inferência (52%), incongruência ou imprevisão (14%), polissemia e/ou homonímia (8%) e fonologia, morfologia e/ou léxico (6%). As outras técnicas – quais sejam: trocadilho, ambiguidade, metonímia, metáfora, obviedade, hipérbole e/ou mentira, pressuposição, eufemismo e disfemismo – representam apenas 20% do total de ocorrências.

Vejamos de que maneira tais mecanismos desencadeiam o cômico em piadas de crianças, a começar pelo fenômeno da inferência.

Na praia de nudismo

Na praia de nudismo, o garoto pergunta ao pai:

– Pai, porque alguns homens têm o “pipi” pequeno e outros têm o “pipi” grande?

O pai responde:

– Bom, filho, é porque quem é pobre tem o “pipi” pequeno e quem é rico tem o “pipi” grande.

Meia hora depois, o pai pergunta ao filho:

– Você sabe onde a mamãe está?

O filho diz:

– Olha, papai, a mamãe estava aqui conversando com um homem pobre, mas de repente ele ficou rico e ela foi embora com ele¹.

Nessa piada, como se vê, numa praia de nudismo, diante de pessoas completamente nuas, o garoto percebeu que os homens possuem pênis (= pipi) de tamanhos distintos e questionou seu pai acerca dessa diferença. Para responder ao questionamento feito pelo menino, o pai construiu sua resposta associando o tamanho da genitália de um homem à sua posição social – dessa forma, para o pai, há uma relação íntima entre o tamanho do pênis e o patrimônio de uma pessoa. Entretanto, o que, de fato, desencadeia o humor nessa anedota é a última fala da criança, que acredita na resposta obtida. Apesar de ter percebido a ereção do homem que conversava com sua mãe, julgou desnecessário mencioná-la de maneira direta: ao afirmar que o homem “ficou rico”, o pai preencheu uma lacuna deixada pelo filho: ficar rico, naquele contexto, significava sofrer uma ereção, sobretudo quando se consideram as relações estabelecidas pelo próprio pai entre o tamanho do órgão sexual e *status* social e a semântica do verbo *ficar*, que indica mudança de estado.

A segunda técnica mais recorrente é a incongruência, responsável por 15% das ocorrências. Trata-se de um mecanismo extralinguístico, manifestado quando ocorre algo imprevisto. Em tese, a teoria da incongruência, acontece quando esperamos uma coisa e acontece outra (VEATCH, 1998). Vejamos um exemplo:

Quantos cocos?

Lucas pergunta à professora:

– Dois cocos caíram do pinheiro, qual chegou ao chão primeiro?

A professora, com ar de sabichona, responde:

– O mais pesado, é lógico.

– Claro que não – disse ele. Não foi nenhum, pois onde já se viu coco dar pinheiro?²

Nesse caso, Lucas fez uma pergunta astuta à sua professora, a

¹Disponível em: <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

²Disponível em: <www.crianças.uol.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

qual, preocupada em responder para afirmar sua superioridade intelectual – visto que estava “com ar de sabichona” –, concentra-se nas propriedades físicas dos cocos e afirma que o primeiro a cair foi o mais pesado. O humor não só se constrói a partir dessa resposta, mas também a partir da impossibilidade, não percebida pela professora, de nascerem cocos de um pinheiro, gênero de árvores pináceas. Ademais, o próprio texto até certo ponto leva-nos a concentrar nossa atenção aos cocos e não ao pinheiro.

A polissemia caracteriza-se, basicamente, pelo emprego de uma “mesma palavra” para significar “coisas diferentes”. Já a homonímia é o resultado de uma evolução histórica da língua que faz com que “significados distintos” tenham o mesmo “significante”. Segundo Azevedo (2010), a diferença entre esses processos de significação reside na seguinte premissa: se houver algum traço de significado comum entre as palavras, o processo será polissêmico; se não houver, será homônimo. A polissemia e/ou homonímia, conforme se disse anteriormente, representa 8% do total de técnicas observadas. Vejamos:

Diferença entre o navio, a tartaruga e a laranja

O aluno pergunta para a professora:

– *Fessora*, qual é a diferença entre o navio, a tartaruga e a laranja?

A professora diz:

– Não sei. Qual é?

– A tartaruga tem casca em cima e o navio tem casca embaixo.

– E a laranja? – perguntou a professora.

– Não dou resposta para bagaço, *fessora*³.

Nessa piada, observa-se que o cômico se constrói a partir do emprego da palavra “bagaço”, polissêmica (cujos significados são “resíduo de frutos, ervas, etc.” e “coisa inútil ou muito usada, velha”). Ao utilizá-la, o aluno mal educado desrespeita sua professora, aludindo à sua aparência (segundo sentido mencionado). Convém ressaltar que foram acionados alguns conhecimentos de mundo compartilhados pelos interlocutores para que a compreensão do texto fosse possível por parte da professora.

³Disponível em: <www.crianças.uol.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

Técnicas relacionadas à fonologia, morfologia e/ou léxico representam 6% de todas as encontradas em nossa análise. Observem-se os seguintes exemplos:

Contando

A professora tenta ensinar matemática para Joãozinho:

- Se eu lhe der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...?
- ...contente! – responde Joãozinho⁴.

Nessa piada, o humor assenta-se, sobretudo, na resposta de Joãozinho ao questionamento da professora, que, em sua pergunta, utiliza “com” na função de preposição e espera, como resposta, um complemento numérico que corresponda à quantidade de chocolates que hipoteticamente daria a ele. O aluno, entretanto, constrói uma resposta cuja única palavra era “contente”, em que primeira sílaba possui mesma sonoridade da referida preposição.

Na sala de aula

A professora pergunta a Benezinho:

- O que é uma autobiografia?
- Hum... seria a história da vida de um automóvel?⁵

Essa piada envolve questões lexicais e morfológicas (especialmente de formação de palavras). Vemos que o gatilho do humor está na resposta, incorreta, de Benezinho, sobre o que vem a ser *autobiografia*, pois o significado dicionarizado da palavra em questão inviabiliza a análise mórfica feita pelo garoto. Sabemos que palavra “autobiografia” vem da junção de *auto* (= de si mesmo) + *biografia* (= história de vida), que significa “vida do indivíduo escrita por ele mesmo”. A palavra *auto*, no entanto, também pode significar *automóvel*. É a partir desse significado que Benezinho constrói sua explicação para *autobiografia*, unindo as palavras *auto* (= automóvel) + *biografia* (= história de vida), que geraria, segundo ele, “a história de vida de um automóvel”.

⁴Disponível em: <www.crianças.uol.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

⁵Disponível em: <www.crianças.uol.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

Charada na aula

O Juquinha pergunta para a professora:

– Professora, como se faz para colocar um elefante na geladeira?

E a professora:

– Não sei... Como é?

– Basta abrir a porta da geladeira e colocar ele lá. E como se faz para colocar uma girafa dentro da geladeira?

A professora, se achando esperta, responde:

– Basta abrir e porta e colocar ela lá.

– Não, professora. Primeiro, tem que tirar o elefante e, só depois, colocar a girafa.

A professora faz uma careta. Juquinha a questiona novamente:

– Professora, o leão, rei da floresta, fez uma festa. Todos os animais foram, menos um. Qual era?

– Não sei, Juquinha – responde a professora.

– A girafa. A coitada ainda estava na geladeira – responde o aluno.

Depois de um tempo, o menino chama a professora novamente.

– Professora?

– O QUE É, JUQUINHA? – pergunta a professora, visivelmente irritada.

– Como se faz para atravessar um rio cheio de jacarés?

– É só pegar um barco e atravessar.

– Não, professora. Dá para atravessar nadando.

– E os jacarés, Juquinha?

O menino responde:

–Tão na festa do leão...⁶

Na piada anterior, verifica-se que a construção do humor ocorre, principalmente, por meio da obviedade, técnica que representa 5% do total das ocorrências. No caso, as respostas às perguntas de Joãozinho são tão óbvias que nem foram consideradas pela professora. O cômico também se constrói a partir da postura brincalhona do aluno perante sua professora. A obviedade é um recurso não linguístico, ou seja, depende de elementos que subjazem à estrutura superficial do texto, tais como os conhecimentos de mundo, que nos permitem emitir juízos de valor acerca da obviedade dos enunciados, por exemplo.

A metonímia foi o elemento desencadeador do humor em 2% das piadas analisadas. Conhecida como o uso de um termo pelo outro graças a sua relação de contiguidade, a metonímia é tradicionalmente

⁶Disponível em: <www.crianças.uol.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

classificada como sendo uma figura de linguagem, ao lado da metáfora. Observe-se a piada que segue:

Pergunta simples

Na sala de aula, o professor pergunta à garota:

- Doroteia, você sabe com quantos paus se faz uma canoa?
- Bom... canoa eu não sei; mas tenho uma amiga que, com um só, conseguiu apartamento, casa e carro importado⁷.

Na narrativa acima, além de o humor ser provocado pelo uso de “pau” no lugar de homem (relação metonímica em que se usa a parte pelo todo: pau = pênis que representa o homem), verifica-se que ele também se deve à ambiguidade a que o substantivo “pau” está sujeito nesse contexto. Certamente, o professor se vale da expressão “Você vai ver com quantos paus se faz uma canoa” para formular sua pergunta. De qualquer maneira, o que desencadeia o cômico nessa anedota é o uso metonímico da palavra “pau” que Doroteia faz. Considerando-se que a metonímia é um fenômeno basicamente cognitivo, conforme se disse anteriormente, é-nos possível fazer associações do tipo: “pau” remete à ideia de “pênis” (o que também evidencia um uso metafórico); a amiga de Doroteia teve um pênis, ou seja, teve um homem que a possuiu sexualmente – que era rico, porque possibilitou a ela conseguir apartamento, casa e carro importado. Ressalte-se ainda que, diante da última fala de Doroteia, pressupõe-se que sua amiga não possuía esses bens antes de ter-se envolvido sexualmente com o indivíduo, no caso omitido.

Percebemos que o uso de trocadilhos também é recurso para gerar a comicidade em piadas de criança. É o que se observa na seguinte anedota:

Tempo verbal

A professora chegou na sala de aula e explicou aos alunos o conteúdo que seria trabalhado naquela aula:

Crianças, hoje nós vamos estudar os tempos verbais. Eu darei a frase, e algum de vocês me dirá em que tempo o verbo está, ok? A frase é: “Isso não deveria ter acontecido”. O que é?

Um certo garotinho, chamado Joãozinho, levantou a mão e respondeu:

⁷Disponível em <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

– É preservativo imperfeito, professora⁸.

A resposta mais adequada à pergunta feita pela professora é: futuro do pretérito do indicativo (se se quisesse falar o tempo e o modo verbal). No entanto, Joãozinho, em vez de responder corretamente, brinca com a situação, fazendo um trocadilho, no qual sugere a possibilidade de o evento expresso pela oração ter de fato acontecido: diante de uma gravidez inesperada, sugere que “imperfeito” é o preservativo utilizado e não o tempo verbal.

Outro elemento pouco observado são as pressuposições (2%), pistas identificadas graças a itens presentes na estrutura superficial do texto, conforme se pode perceber na piada abaixo:

Definição de cavalheiro

No café da manhã, a filha pergunta:

– Mãe, o que é um cavalheiro?

A mãe pensou, pediu licença e se levantou. Pouco tempo depois, ela volta com um velho álbum de fotografias:

– Está vendo isto aqui, filha?

– Sim, mamãe. Quem é essa?

– Sou eu, com 19 anos – respondeu a mãe.

– E este aqui ao seu lado? – perguntou a filha.

– O seu pai com vinte anos. Isto era um cavalheiro⁹.

O humor desencadeia-se na última fala da mãe. O uso do verbo *ser* no pretérito imperfeito do indicativo (“Isto era um cavalheiro”) pressupõe que ela considerava seu esposo cortês quando a foto foi tirada e que, quando da conversa com a filha, tinha uma concepção diferente acerca de seu marido: ele já não é mais um cavalheiro.

Às vezes, o que torna a piada engraçada são as mentiras e exageros, como ocorre na anedota abaixo:

Maior pai

Três garotinhos contando vantagem:

⁸Disponível em: <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

⁹Disponível em: <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

- Meu pai é muito grande, tão grande que nem consegue passar pela porta.
- O meu é maior – rebateu o outro –, ele é tão grande, mas tão grande que, para fazer cesta no jogo de basquete, tem que se abaixar.
- Ah, mas o meu é maior – disse o terceiro menino. Ele é tão grande, mas tão grande, mas tão grande que não pode comer iogurte.
- Não pode comer iogurte? Como assim? – perguntaram os outros dois amigos.
- É que um dia ele comeu e, quando chegou no estômago, o iogurte já tinha passado do prazo de validade¹⁰.

Nessa piada, conforme se disse anteriormente, o que provoca o riso é a impossibilidade de realização do fato dito pelo terceiro menino. Certamente a escolha do iogurte para ilustrar sua estória deve-se ao fato de um de seus ingredientes principais ser o leite, que perde a validade facilmente.

A ambiguidade, outro recurso utilizado na construção do humor no gênero piada, caracteriza-se por ser a “circunstância de uma comunicação linguística que se presta a mais de uma interpretação” (CÂMARA JR., 1999). Às vezes, ocorre devido à significação de uma palavra, às vezes devido ao emprego inadequado de elementos sintáticos. Convém ressaltar que, apesar de ser responsável por apenas 2% das ocorrências, esse recurso esteve presente, atuando como coadjuvante, na construção do humor em várias piadas.

Em 2% das ocorrências, observou-se a utilização de disfemismo, que corresponde ao uso de uma expressão grosseira, como técnica para produzir o humor. Vejamos a piada abaixo:

O que é masturbação?

O menino chega para a mãe e dispara:

- Mamãe, o que é masturbação?

Atônita, a mãe tenta contornar a situação:

- Filho, pergunta para o papai quando ele chegar.
- Mas, mamãe, eu quero saber agora.
- Filhinho, espera o papai.

¹⁰ Disponível em: <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em 17 mai. 2012.

O menino enche o saco da mãe o dia todo, até que o pai chega:

– Papai, o que é masturbação?

– Filhinho, bom... é o ato de se satisfazer sexualmente com... com... com a mão. São estímulos sexuais que fazemos a nós mesmos para chegarmos ao orgasmo.

– Ah, então é igual a punheta?¹¹

Nessa piada, a espontaneidade com que a criança usa o termo grosseiro “punheta” serve de gatilho para o humor. Enquanto os pais encontraram dificuldades para conversar com o filho sobre um tema tabu – que acreditavam que a criança desconhecia, pelo menos o uso do termo (mais técnico e, portanto, menos vulgar) “masturbação”–, o garoto encara esse mesmo assunto com muita naturalidade e de forma direta.

As técnicas de produção do humor encontradas na análise de 100 (cem) piadas de crianças são resumidas na tabela que segue.

Tabela 1 - Técnicas humorísticas identificadas em 100 piadas de crianças.

| TÉCNICA | OCORRÊNCIA [%] |
|-----------------------------------|----------------|
| Inferência | 52 |
| Incongruência ou imprevisão | 15 |
| Polissemia e/ou homonímia | 08 |
| Fonologia, morfologia e/ou léxico | 06 |
| Obviedade | 05 |
| Trocadilho | 02 |
| Metonímia | 02 |
| Hipérbole e/ou mentira | 02 |
| Pressuposição | 02 |
| Metáfora | 02 |
| Ambiguidade | 02 |
| Eufemismo e/ou disfemismo | 02 |
| Total | 100 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos, a partir da análise de 100 piadas de

¹¹Disponível em: <www.osvigaristas.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2012.

criança disponíveis na *internet*, identificar as técnicas mais recorrentes que explicam a produção do humor nessas anedotas. O trabalho partiu das seguintes premissas: o sentido humorístico é de base sociocognitiva e interacional, sendo necessária a ativação de determinados saberes compartilhados para sua compreensão; e, nas piadas analisadas, o humor constrói-se, sobretudo, a partir do emprego de determinadas técnicas humorísticas.

A Linguística Textual de base cognitivista e sociinteracionista serviu de suporte para a explicação do fenômeno da construção e recepção do humor, especialmente com relação às noções de acionamento de conhecimentos prévios (alocados na memória dos interlocutores, que os retomam através de associações cognitivas diversas) e inferência.

Com relação ao humor, levou-se em consideração que este é deflagrado, sobretudo, a partir do emprego bem-sucedido de determinadas técnicas. Algumas delas são de ordem linguística, outras não, mas todas estão vinculadas à linguagem. Os principais recursos, como vimos, são inferência, incongruência, polissemia, fonologia/morfologia e obviedade. Tais recursos, como já mencionamos, são capazes de evidenciar, de forma agradável, fatos importantes do funcionamento discursivo e da língua.



REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Alex, 1997.
- BEAUGRAND, R-A; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- CARMELINO, A. C. O texto humorístico: construção de sentido. In: *Da análise descritiva aos estudos discursivos da linguagem: a linguística no Espírito Santo*. Vitória: PPGEL, 2009. p. 105-122.

- CÂMARA JR., M. *Dicionário de linguística e gramática*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Atêntica, 2008.
- FREUD, S. *Os chistes a sua relação com o inconsciente* (1905). – versão online. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/bjy62fN/Freud_-_Obras_Completas_-_Volu.html>. Acesso em 10 mar. 2013.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- RICKHEIT, G.; SCHNOTZ, W.; STROHNER, H. The concept of inference in discourse comprehension. In: RICKHEIT, G.; STROHNER, H. (Orgs.). *Inferences in text processing*. Amsterdam: North Holland, 1985.
- TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. In: *DELTA*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-78, 1990.
- TRENTIN, R. C. *Um estudo de “frases engraçadas” que versam sobre bebida: construção de sentido e ethos*. 2012. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- VEATCH, T. A theory of humor. In: *Humor: International Journal of humor Research*. Berlin: Mouton DeGruyter, v. 11, n. 2, p. 161-216, 1998. Disponível em: <www.journalofhumourresearch.com>. Acesso em: 10 maio 2013.

SITES DE PIADAS DE CRIANÇAS

- <<http://www.osvigaristas.com.br>>
- <<http://www.piadasengracadas.net>>
- <<http://www.crianças.uol.com.br>>
- <<http://www.boaspiadas.blogspot.com.br>>
- <<http://www.piadas-infantis.blogspot.com.br>>